MICHELA MURGIA

O SENTIDO DA NÁUSEA

ELSINORE

Para Raphael, Francesco,
Alessandro e Riccardo

ÍNDICE

9
Expressão intraduzível
–
17
O sentido da náusea
–
28
Recalcular rota
–
40
Obrigado pelas flores
–
51
Útero de acolhimento
–
59
Rosto não reconhecido
–
71
Folha de serviço
–
80
Até que a morte
–
87
Boneco animado
–

104
Vala comum
–
112
Relações familiares
–
122
Mudança de estação
–
131
Agradecimentos
–

EXPRESSÃO INTRADUZÍVEL

— Tem uma nova formação de células no rim.

O médico falava com um tom tão ligeiro, que, por instantes, ela pensou que a notícia era algo que deveria alegrá-la. Por causa da máscara branca, só via metade do rosto daquele homem gentil, com os seus sessenta anos, e, nos primeiros minutos da consulta, julgara ser a metade certa. Agora já não estava tão segura disso. Do outro lado da divisória de acrílico sobre a secretária, que oferecia a ambos proteção adicional contra o vírus omnipresente, os olhos do médico fugiam-lhe a ponto de ela não conseguir dizer com certeza de que cor eram. Por desforra, tentou por sua vez tornar o próprio rosto ilegível. Pelas janelas amplas do hospital de Monteverde, entrava uma luz galvânica que, em pleno dia, só em Roma brilhava com aquela força. Estava convencida de que era emanada pelas brasas secretas do império, o verdadeiro, ainda incubadas sob as ruínas de três civilizações demasiado fracas para poderem apagá-las completamente. Naquela luz, sorriram cautos um para o outro, e o médico, talvez na ilusão de ter sido compreendido, continuou.

— Em termos técnicos, chama-se neoplasia, porque quer dizer precisamente «nova formação de células».

O grupo silábico 암 iluminou-se na mente dela como um relâmpago, e o sorriso perdeu a força. Não conhecia a etimologia, mas sabia o que era uma neoplasia até em coreano. Ajeitou nervosamente à volta do corpo as pregas do casaco de alta-costura, num gesto instintivo de proteção. Para aquela consulta, pensara bem no que iria vestir, só estilistas de primeira categoria, mas sóbria, não como para um encontro amoroso, mas mais como se fosse impressionar uma mulher com três gerações de riqueza, negociar um contrato prestigioso dando a entender que não precisava dele, fazer-se respeitar. Tinha um armário construído para aquele objetivo, um depósito de armas de bom corte e marca patente, uma para cada guerra da qual não poderia permitir-se sair perdedora. O que quer que aquele homem de bata tivesse para lhe dizer, queria que percebesse logo que ela não era uma pessoa qualquer e que, portanto, aquela neoplasia nem para ele podia ser uma coisa de rotina, porque não surgira num corpo qualquer.

O oncologista, porém, não parecia muito impressionado. Embora tivesse à frente a sua pasta clínica, não fez sinal de a abrir. Em vez disso, aproximou do peito um bloco de notas que tinha num canto o logótipo de um gigante farmacêutico, arrancou uma folha e voltou-a. Com uma caneta, desenhou um nó do qual se ramificavam umas linhas onduladas que confluíam todas na mesma direção, uns centímetros mais à frente. Continuava a falar com lentidão, sem desviar os olhos da folha, medindo cada palavra ao traçar da caneta. Ela teve a impressão de não ser a primeira vez que ele fazia aquele esquema, e as suas ambições de ser uma paciente especial desfizeram-se. Quantos corpos haviam sido aquelas linhas? Quantas existências, aquele nó?

— Como todas as coisas vivas que nascem, a sua formação nova precisa de recursos, e foi procurá-los ao pulmão esquerdo. Nós chamamos-lhes metástases, mas a senhora deve imaginá-las como poços de petróleo no Iraque.

«Nós chamamos-lhes», dissera. Nós, quem?, pensou ela, imaginando uma assembleia permanente de sábios que, algures no Grande Castelo da Oncologia, estabelecia a nomenclatura dos desastres que ocorriam no corpo dos seres humanos do mundo inteiro. O médico deteve o traço da última linha à altura das outras e cauterizou-as com um pequeno asterisco. O gesto causou-lhe um mal quase físico, mas procurou não o dar a ver. Por alguma razão que lhe escapava, sentia o instinto de ter de ser ela a tranquilizá-lo. Uma breve gargalhada nervosa pareceu-lhe adequada para encorajar a sua explicação geopolítica. A mão do oncologista, cingida por um punho de bom algodão azul que saía da brancura da bata, era pálida, mas firme, do outro lado do acrílico. Durante a primeira parte da consulta, sentira-a quente em contacto com a pele, e parecia-lhe que ainda estava assim ao segurar na caneta enquanto a via traçar no papel o contorno do rascunho rudimentar dos seus órgãos internos danificados.

— O primeiro medicamento que vai tomar é diário, dois comprimidos de manhã e à noite, e serve para fechar estes poços: sem recursos, ficamos fracos… a senhora percebe.

O médico afastou o olhar do papel e desta vez olhou-a de frente. Ela percebia.

— O segundo medicamento é uma solução intravenosa, que terá de fazer a cada vinte e um dias, e que tem a função de despertar o seu sistema imunitário, para que reaja contra as células da nova formação, impedindo que continuem a desenvolver-se.

— É quimioterapia?

— Não vai perder o cabelo, se é isso que a preocupa.

Não, não era aquilo que a preocupava. A sílaba 암 e o seu som — AM —continuavam a pulsar-lhe na mente como um reclame de néon de um restaurante de *kebab*.

— Vai fazer imunoterapia à base de biofármacos. Como lhe mostrei, não é diretamente direcionada à neoplasia. Serve para

suscitar a resposta natural do seu organismo. Se o rim não nos chateia, não há razão para o chatearmos.

Nós, quem?, pensou ela novamente, imaginando desta vez os dois a partilharem a mesma neoplasia, barricados naquela sala, enquanto as linhas daquele nó desenhado na folha tentavam abrir caminho, tentaculares, debaixo da porta e pelas brechas das fechaduras para os alcançar e sugar os seus recursos. Contra a sua vontade, a imagem fê-la sorrir, mas o sorriso deve ter tido o efeito de um animal que mostra os dentes a um adversário, porque o médico não retribuiu. Fez-lhe a pergunta mais óbvia, a pergunta estúpida.

— Onde é que eu errei?

Era vegetariana. Não fumava, exceto erva em rara companhia. O que bebia era de tal forma seleto, que o senhor Bernabei a cumprimentava todo contente da soleira da enoteca, mesmo quando ela não entrava. Eram vários os vícios que tinha, mas nenhum no corpo, facilmente curável com a privação. A culpa escondia-se noutro sítio qualquer, se não nas obras, pelo menos em pensamentos, palavras ou omissões. O médico permaneceu em silêncio durante uns segundos, desorientado com aquele pedido de opinião. Quando pousou a caneta, ela tomou o gesto por uma rendição.

— Somos seres complexos, senhora… Não creio que se possa definir a questão em termos de erros seus. Os organismos sofisticados estão mais sujeitos a cometer erros. O sistema de vez em quando baralha-se, a vontade não tem nada que ver com isso.

Ela fechou os olhos. Não queria que ele lhe lesse no rosto a necessidade de atribuir a culpa a si mesma ou a alguma coisa, a alguém, a um comportamento extremo, comida de plástico, um mau hábito que durara demasiado tempo, um trauma não resolvido, a poluição do trânsito da cidade, uma fábrica nas imediações, a maldição de um inimigo, tudo e todos menos

a hipótese insuportável do incidente estatístico. De alguma forma, porém, o médico pareceu compreendê-lo.

— Disse-me que escreve romances, um trabalho muito belo, mas muito complicado. Nenhuma espécie na Natureza o consegue fazer, só os seres humanos. Sabe outras línguas além do italiano?

— Inglês, francês, um pouco de espanhol... Estudo coreano.

— Preferia não conseguir fazer nenhuma destas coisas sob a condição de nunca adoecer? Os organismos unicelulares não desenvolvem neoplasias, mas não aprendem línguas. As amibas não escrevem romances.

Olharam-se por um tempo que pareceu a ambos longuíssimo, durante o qual ela teve a certeza de que, ao contrário do *Risco* inicial, feito de novas colónias ávidas de poços iraquianos, o oncologista tinha encontrado aquelas palavras específicas só para ela. Até há poucos minutos, tivera mil perguntas. Questões sobre quanto duraria o combate que estava prestes a travar. Se tinha alguma possibilidade de o vencer. Quanto tempo tinha para lutar. Queria os pormenores do conflito, o plano militar. Mas a inadequação do registo bélico, aquele com que ouvira sempre definir a relação com uma doença mortal, emudecia-a agora. A culpa era do médico, obviamente. As palavras que aquele homem tinha usado alteravam o cenário simbólico e obrigavam-na a mover-se em direção a um objetivo que não lhe era familiar: o pacto de não-beligerância. O que devia ser um adversário a destruir acabara de lhe ser descrito como um cúmplice da sua complexidade, uma parte desorientada do seu corpo sofisticado, um curto-circuito do sistema em evolução, nada mais do que um companheiro a enganar-se. Não estava habituada a perder com as palavras. Qualquer batalha que tivesse imaginado travar contra a doença soava agora como um projeto de autodestruição. Não tinha forças nem vontade de entrar em guerra consigo mesma.

— Nunca o tinha visto nessa ótica, na verdade. Imagino que, se a alternativa fosse a vida da amiba, não estaria interessada em trocar. Diga-me, então: o que devo fazer para corrigir este erro de sistema? — hesitou por um instante, em seguida acrescentou: — Se é que se pode fazê-lo.

Os olhos do médico iluminaram-se perante aquela mudança de registo e o seu corpo pareceu mais relaxado. Encostou-se à cadeira. Provavelmente julgava ter ultrapassado a parte mais problemática da conversa.

— Vou preparar-lhe a receita dos medicamentos e a senhora vai levantá-los à farmácia do hospital, mas, entretanto, tem de assinar esta declaração com a qual aceita iniciar o tratamento e confirma estar ciente dos efeitos colaterais.

— Estou ciente deles?

— Estão nesta folha, mas não a convido a lê-los: vão do espirro à morte, entre mil sofrimentos, exatamente como nas bulas da aspirina. Qualquer um ficaria em pânico. A probabilidade de um só destes efeitos se verificar é tão remota, que não faz sentido assustar-se antecipadamente. Confie em mim, se acontecer alguma coisa, vamos perceber logo e paramos.

— Não ia lê-la, em todo o caso. Confio em si.

Era uma meia-verdade. Tinha espreitado a folha sobre a mesa, e a indicação do diagnóstico estava escrita em cima, lapidar, algo que dez anos antes apenas teria sido uma sentença de morte rápida. Carcinoma renal no estádio IV.

AM. Um relâmpago.

AM. Outro relâmpago.

AM. E mais outro.

Enquanto assinava as folhas e ele passava a receita, a sílaba continuava a relampejar-lhe na cabeça e, de repente, tomou consciência do facto de o médico nunca ter nomeado a doença.

— A minha irmã está ali fora, doutor, e tenho outras pessoas amigas. Quando me perguntarem o que tenho, o que lhe devo chamar? Não consigo dizer o que está escrito na folha.

Fitaram-se. O médico suspirou, em seguida descontraiu os ombros, encostando-se à cadeira. Atrás da barreira de plástico transparente, o seu corpo parecia não ter espessura, como nas fotografias comprimidas em molduras de grampos. Quando falou, a ilusão da bidimensionalidade desapareceu.

— Que nome gostaria de lhe dar?

Era um pedido estranho, o de batizar um tumor. Ressoaram-lhe na cabeça todas as palavras que já conhecia. Doença má. Mal incurável. O maldito. O bastardo. Aquela coisa. Não gostou de nenhuma delas, e disse de impulso:

— Em coreano, essa palavra diz-se *am*. Acha que a poderia usar?

Tinha sido tão precipitada ao responder-lhe, que, no próprio momento em que acabou de lhe fazer aquele pedido, quis engolir as palavras. Sentiu-se infantil ao admitir que precisava de uma palavra que nunca tivesse sido pronunciada por alguém que conhecesse. Usar um termo que vinha do outro lado do mundo punha uma distância entre si e o diagnóstico que lhe pareceu a única suportável naquele momento. Esperava que o médico se risse, mas, em vez disso, ele pareceu considerar a proposta, pensando durante uns segundos. Depois, anuiu, sério, passando-lhe as prescrições pela abertura do acrílico.

— Vai desculpar-me, eu não sei nada de coreano, mas, em inglês, *am* é a primeira pessoa do singular do verbo «ser», portanto, parece-me uma palavra bastante adequada — sorriu. — Poderá responder *I am*, como se dissesse «o que tenho é algo que sou», e não seria de todo impreciso.

Seguiu-se um silêncio denso, em que emoção e embaraço flutuavam misturados na linha do olhar de ambos. Não conseguindo já suportar a barreira de plástico transparente, ela pôs-se

de pé, desajeitada, mas a vantagem de olhá-lo de cima durou pouco tempo, porque ele fez a mesma coisa.

— Então, obrigada. Vou tomar os comprimidos como me disse, dois por dia.

— De manhã e à noite. Não se esqueça de os tomar e não os deite fora, uma embalagem custa quase setenta mil euros ao Serviço Nacional de Saúde. Digo-lho porque, volta e meia, há quem o faça, finge tomá-los, mas deita-os fora. Não sei porquê, as pessoas são estranhas.

Eu também sou estranha, doutor, pensou sem o dizer. Ser suspeita de desperdício num contexto em que estava a perder tudo pareceu-lhe surreal. Enquanto davam um aperto de mão, sorriu-lhe inutilmente atrás da máscara, pensando que, no fim de contas, ele também não via o rosto dela por inteiro. Se se tivessem encontrado fora dali de cara destapada, era provável que não se tivessem reconhecido. Imaginou a cena no supermercado.

— Estou enganado, ou a senhora é...?

Yes, doutor. *I am*.

O SENTIDO DA NÁUSEA

Há três coisas que não se podem esconder: um espirro, a beleza e a pobreza. Após três semanas de náusea contínua, percebi que o vómito era também bastante indiscreto. Embora ninguém possa dizer que alguma vez me tenha visto vomitar, naqueles primeiros vinte dias de indisposição, eu perdera quase seis quilos, e até quem se dava pouco comigo começara a reparar. Só que diziam coisas como «Ficas bem mais magra», e eu, que na minha vida nunca fiz dieta, não sabia o que responder sem parecer ofendida. Devem ter sempre pensado secretamente que eu era uma mulher de peso.

A questão do vómito, no entanto, não tem relação alguma com o peso. Começou numa noite em que passava pouco das onze, quando recebi a mensagem. «Boa noite...» Era daquele merdas. Tinha-se ido embora há uma semana. O que significava aquela tirada repentina? O que eram aquelas reticências adolescentes? Estava a reconsiderar? Vinha-lhe a nostalgia depois do pôr do sol? Queria dar a entender que dormia sozinho? Se lhe tivesse respondido, tenho a certeza de que a pergunta seguinte teria sido «Como estás?», uma palhaçada que só um narcisista podia confundir com preocupação. Como é que queres que

eu esteja, maldito estafermo? Porque é que as pessoas que se vão embora para não se envolverem mais connosco depois nos escrevem coisas que implicam ao menos a responsabilidade de ouvir a resposta?

Refém daquelas perguntas, às quais teria provavelmente sacrificado a enésima noite de sono, não tinha percebido que a primeira náusea estava a chegar. Era fácil enganar-me, porque começou com uma sensação vaga, um mal-estar confuso, e só depois se tornou mais definido, físico e, por fim, espasmódico. Consegui chegar à casa de banho mesmo a tempo, evitando um desastre em casa, embora não um grande desastre: não havia nada no meu estômago.

Desde que ele me deixara, eu tinha o esófago apertado como um ninho de aranha, e comia apenas dois biscoitos ao pequeno-almoço. Não era a falta de apetite ou o cheiro da comida cozinhada que me incomodava. Bastava pensar em comida para fazer disparar os prenúncios da contração. Num primeiro momento, as consequências foram mais sociais do que outra coisa. As minhas relações desenvolvem-se à hora das refeições. Amigos, acordos de trabalho, ligações habituais, tudo gira à volta de um prato cheio. Vem, que falamos à frente de um esparguete com amêijoas. Um jantarinho, uma coisa simples, só para estarmos juntos. Tomamos um aperitivo naquele sítio novo? Vá, se não tiveres tempo, vemo-nos para um café. Uma multidão perenemente esfomeada, que, se não estiver a mastigar, não decide nada, desde pintar ou manter os cabelos brancos ao nome do filho a caminho. É impossível esquivarmo-nos mais de duas vezes à socialização da comida. Começam a perguntar-nos se estamos bem. Porque é que havia de não estar bem? Estou ótima. Queria apenas comer sem ser comida, como os predadores superiores.

Em três meses daquele boicote silencioso, cheguei a perder dezasseis quilos, e nenhum dos meus conhecidos deixou,

entretanto, de me elogiar. De início, como era natural, eu perguntava a mim mesma a razão física daquele vómito, mas não conseguia encontrá-la. Conjeturei todas as doenças. Úlcera, esofagite, refluxo, cancro, fiz até uma endoscopia, eu, que não fazia broches para não enfiar uma pessoa na garganta. Não se descobriu nada que explicasse aquela expulsão interminável. As poucas pessoas a quem eu tinha contado, no fundo, suspeitavam de que eu o causasse a mim própria. Para pensarem uma coisa dessas, só podiam conhecer-me muito mal. Os meus espasmos vinham sozinhos, voluntariosos, como se regressassem a casa. Eu não precisava de enfiar os dedos na garganta, porque vomitava com a cabeça, não com o estômago. Um vómito inteligente.

Por isso, uma vez descartadas as hipóteses patológicas, primeiro pareceu-me sensato relacioná-lo com ele, aquele merdas. Não tanto porque se tinha ido embora — quem é que não se vai, mais tarde ou mais cedo? —, mas pela vulgaridade com que o fizera, que me ofendia mais do que o abandono. Tínhamos representado um enredo digno dos livros de quiosque, tão previsível, que eu estava mais zangada comigo mesma por lho ter oferecido do que com ele, que o tinha interpretado com a banalidade adequada. Havia alguma coisa tonificante na ideia de que a dor que aquele estafermo me tinha infligido podia ser expulsa com violência, como um material tóxico. Evocava-me certas cenas de exorcismos sobre os quais lera, em que o diabo, resistindo à ordem do padre, obrigava o corpo do possesso a pôr-se de gatas e a vomitar objetos que se materializavam no chão perante a sua boca escancarada, sem passarem fisicamente pela garganta.

Os meus vómitos, de resto, surgiam sempre por alguma coisa relacionada com ele, aquele merdas, como acontecera na noite da mensagem, mas nem sempre era preciso chegar a tanto. Bastava diminuir por um instante a disciplina que exercitava

sobre os meus pensamentos. Um perfume evocativo. Uma frase num filme que libertava uma memória doce e, portanto, amarga. Em certa ocasião, cheguei a vomitar na rua, perto da padaria da Via Panisperna, onde um sábado tínhamos comido, segundo ele, a melhor *pizza* branca de sempre. Dessa vez, também não tinha nada no estômago, e, no entanto, vi tudo no asfalto ardente: recibos amarrotados, uma pastilha elástica já misturada com o betume estagnante na junção entre a estrada e o passeio, a *pizza* branca e até os seus olhos semicerrados enquanto a abocanhava no sol sob as glicínias, deliciado com o sabor extraordinário de um pão gorduroso que comia comigo. Vomitei sobre aquelas imagens pelo menos durante dez minutos, depois senti-me melhor. Por um momento, bastou pensar que, uma vez processado o final da relação, eu pararia de vomitar.

Depois, porém, outra coisa aconteceu. Após o segundo mês, os vómitos começaram a apresentar-se independentemente das circunstâncias. Também a minha disposição, entretanto, mudara. Estava a habituar-me. Não só já não os temia, como também, se tardavam, surpreendia-me à espera deles. Se saltavam uma refeição, perguntava-me porquê. Com o passar das semanas, dei-me conta de que a sua dinâmica também estava a mudar. Uma noite, após um dia inteiro em jejum, o vómito chegou com uma lentidão insólita. O desenvolvimento do espasmo decompôs-se em segmentos definíveis um por um, como os metâmeros de uma minhoca. Contei-os em sequência, imaginando-me observada de fora, de perfil à luz amarela do quarto de banho: uma mulher dobrada sobre a sanita, a fitar o fundo, à espera da perda de equilíbrio que antecedia sempre a primeira expulsão. Não podia contá-lo a ninguém, mas tinha sido emocionante.

Depois daquele episódio, quando sentia subir do estômago a energia negra, vinha-me uma euforia semelhante à de um

primeiro encontro, que ativava um ritual de preparação fulminante. Corria para o quarto de banho, livrava-me das cuecas e sentava-me no bidé virada para a sanita, à espera. Era uma questão de instantes, durante os quais o instinto de regurgitação se transformava num arranco muscular interno, que do plexo solar ia direito ao centro da testa como um dardo. A mistura de dor, tensão e força com que o primeiro vómito se apresentava culminava num relâmpago de quatro segundos, quatro perfeitos soluços em que os sentidos se suspendiam e o corpo inteiro perdia o controlo. Era o estado mais próximo do desmaio que alguma vez experimentara. O que quer que viesse depois, incluindo a rejeição, valia aquele orgasmo. Eu gostava de vomitar.

Ao fim de seis meses de abraços quotidianos com a retrete, até os elogios das amigas mais benévolas tinham perdido algum ímpeto. O esplendor do tamanho 36 era ofuscado pelo facto de que eu perdia cabelo, a menstruação me desaparecera e era cada vez mais difícil esconder com maquilhagem o tom de pele acinzentado que eu via ao espelho. Instalava-me naquele ponto preciso de um desastre em que não podemos continuar, mas não sabemos como parar. No meu caso, nem sequer tinha a certeza de querer parar.

O fogo de artifício diário de que desfrutava todas as noites no silêncio da casa era um espetáculo egoísta a que me parecia injusto renunciar. E, de resto, porque deveria fazê-lo? Nunca tinha provocado o vómito, nem renunciado voluntariamente à comida. Como podia inverter a rota de uma coisa que se pusera a caminho sozinha? A rejeição da comida devia ser tomada por aquilo que era: a reação misteriosa mas adequada a algo que não se podia resolver de outra maneira. Surgira porque fazia falta, e partiria quando já não fosse necessária. Não era preciso que eu interviesse para acabar com a situação.

«Os meus espasmos vinham sozinhos, voluntariosos, como se regressassem a casa. Eu não precisava de enfiar os dedos na garganta, porque vomitava com a cabeça, não com o estômago. Um vómito inteligente.»

A notícia de um cancro terminal, a difícil digestão de um rompimento amoroso, a decisão de desligar as máquinas a um cônjuge ou a de carregar no ventre o filho do melhor amigo. Os protagonistas das doze histórias que se entrelaçam neste livro de Michela Murgia experienciam, cada um à sua maneira, uma inesperada reviravolta existencial nas suas vidas, perdem todas as certezas e procuram respostas para o que lhes acontece, fazendo escolhas invulgares, inventando novos rituais e encontrando modos de sobrevivência inéditos.

Em *O Sentido da Náusea*, livro corajoso e encorajador sobre crises e recomeços, o último publicado antes da sua morte prematura, a escritora italiana Michela Murgia narra, com o seu tão característico humor, vivacidade e frescura, sobre a difícil arte de dizer adeus e de continuar a viver perante as catástrofes do quotidiano, transformando em exemplar o que há de mais íntimo e único na nossa experiência.

Penguin Random House Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt
elsinore.pt
penguinlivros

ISBN: 978-989-583-771-7